

Chegará "atirando"

Como hoje é 14 de julho, sempre é bom acreditar em conversas fraternais. O secretário particular do presidente Sarney, jornalista Augusto Marzagão, confidenciou a um amigo, antes de viajar à França com seu chefe, que este voltará ao Brasil "atirando". Ou seja: combatendo, tal qual a República Francesa à Monarquia corrupta, os que praticam toda espécie de dolo contra o fisco e sua família no Brasil. O Presidente, vale dizer, vem sendo instado a assim agir desde o começo de seu governo. Mas o que consta é que um coração concessivo empaca todas as deliberações para colocar a ferros os colarinhos brancos e encardidos.

Os ventos do bicentenário da Revolução Francesa hão de ter colocado diante de Sarney, entretanto, o grande drama que resulta em administrar o poder com o coração e a tolerância. O Presidente mesmo sofre das dores que causam as amizades por interesse. Dentre as que hoje frequentam o coração do poder, quantas irão mais tarde, daqui a meses, passar fins de semana no Cahau?

Assim é que, se voltar "atirando", o Presidente da República nada mais fará que cumprir seu dever. É um dever adiado, de tantas outras viagens, quando seus ministros chegaram a anunciar reformas duras e profundas na administração, para depois, na volta, de nada resultarem as promessas. Seu próprio genro, Jorge Murad, teria começado uma inarredável decepção com o poder e suas formas de sedução pela palavra, ao se desencantar com o Presidente

que na Venezuela prometera voltar "atirando", para realizar uma mexida na máquina administrativa federal, estinguindo, fundindo e incorporando órgãos, demitindo funcionários ociosos.

Mas Sarney não "atirou" somente na área de administração. Na política, deixou de executar o combinado com o então ministro Marco Maciel, que acertara um acordo entre partidos para vencer as dificuldades da transição. Foi isso há dois anos. Mesmo depois de sair do Governo o senador continuou a empreender esforços para o seu acordo sair, esbarrou numa formidável barreira atávica.

Agora, porém, ocorre um problema grave: se Sarney não chegar "atirando", vão "atirar" cada vez mais nele. Até então, esses "tiros" podiam ser administrados, com a troca de ministros e a superação dos ressentimentos do passado por um entendimento de que o poder é parte sofrimento, parte solidão, mas um grande bocado de concessões a novos amigos que entram para a corte. Daqui para a frente, não mais. Os amigos irão rareando, e Sarney terá contra si os "tiros" de candidatos à Presidência da República que dele farão o seu alvo, até mesmo o ex-ministro Aureliano Chaves, que mantinha a ética, deu seu primeiro tiro de canhão. Tiro sem aspas. Por isso tudo é que a promessa do Presidente, através de seu secretário particular, se insere num quadro otimista de expectativas. Afinal, Sarney pode ter deixado para bater na mesa no momento em que está mais seguro de que não quebrará a madeira nem os seus dedos.